



O ESTUDO DA CIDADE: lugares para criar um olhar crítico sobre o mundo atual

Helena Copetti Callai
copetti.callai@gmail.com

Professora titular da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUÍ e Bolsista Produtividade em Pesquisa - PQ/CNPq Nível 1D.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8043-659X>

Neuza Beatriz Prestes Kohn
arq.neuzakohn@gmail.com

Mestre em Educação nas Ciências pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUÍ.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1096-8552>

RESUMO

Este ensaio aborda o estudo da cidade realizado pela pesquisa bibliográfica, considerando como a modernidade líquida impacta a vida na cidade e nos seus cidadãos, tendo como base os conceitos de espaço, paisagem, tempo, lugar, pertencimento e identidade. Possibilita pensar em como abordar estes conceitos na Educação Básica, em aulas de Geografia, tendo a cidade como um tema interdisciplinar, inter-relacionando a paisagem urbana e as casas dos alunos. A intenção passa por apontar possíveis alternativas para melhorar a vida nas cidades e dar maior significação para a história das periferias, tendo como foco as escolas e as praças dos respectivos bairros onde os alunos residem.

PALAVRAS-CHAVE

Cidade; Educação geográfica; Geografia; Paisagem urbana

THE STUDY OF THE CITY: places to create a critical view on the world today

ABSTRACT

This essay delves into the exploration of urban environments through comprehensive bibliographic research, examining the profound impact of liquid modernity on city life and its inhabitants. It is anchored in fundamental concepts such as space, landscape, time, place, belonging, and identity. The study aims to propose innovative approaches for integrating these concepts into basic education Geography classes, treating the city as a compelling interdisciplinary subject that intertwines urban landscapes with the homes of students. The overarching goal is to present viable alternatives for enhancing urban life and providing deeper significance to the histories of peripheral areas, with a specific emphasis on schools and public spaces within the respective neighborhoods where students reside.

KEYWORDS

City; Geographic education; Geography; Urban landscape

EL ESTUDIO DE LA CIUDAD: lugares para mirar crítico acerca del mundo actual

RESUMEN

El ensaio trata del estudio de la Ciudad por la investigación bibliográfica, considerando como la modernidad líquida impacta la vida en la Ciudad e con sus ciudadanos, con base en los conceptos de espacio, paisaje, tiempo, lugar, pertenencia y identidad. Lleva a pensar la abordaje de los conceptos en la Educación Básica, en las aulas de Geografía, teniendo la ciudad como un tema interdisciplinar, ligando la paisaje urbana e las viviendas de los alumnos . La intención es señalar posibles alternativas para mejorar la vida en las ciudades con atención a la periferia centrándose en las escuelas y plazas de los respectivos barrios donde viven los estudiantes.

PALABRAS CLAVE

Ciudad; Educación geográfica; Geografía; Paisaje urbana.

Falando de cidade na escola

Este texto considera o contexto das discussões acerca da cidade numa perspectiva de interdisciplinaridade tendo como base os conceitos da Geografia que confluem para

construção das interpretações sustentadas pelo pensamento geográfico¹. O estudo da cidade se constitui como um dos temas abordados nas pesquisas no sentido de construir entendimentos acerca da cidade como o lugar de vida de grande parte da população. Na pesquisa se apresenta como a possibilidade de conhecer a cidade e compreender a realidade que ela apresenta para a construção de alternativas de tornar a cidade um lugar acolhedor e que possa se constituir com as marcas de uma justiça espacial que retrate a justiça social. Na educação escolarizada tem sido um tema de estudo.

Na escola o tema cidade é, pois, recorrente nos conteúdos curriculares onde se estudam suas questões e os livros didáticos apresentam o tema de vários modos generalistas, falando de cidade e urbanização, exemplificando com cidades que são importantes nos cenários nacional e mundial. A cidade que cada aluno vive não aparece, portanto, nos manuais didáticos, e dificilmente é tratada como conteúdo. O estudo então, fica centrado nos conceitos e na descrição de algumas cidades, considerando diversos aspectos da geografia urbana. Doutra parte, quando a cidade do aluno é o tema do estudo, o tratamento recai na simples descrição da cidade local. Entende-se, então, que ao falar da cidade, sempre é bom começar com conceitos que explicitem o que estamos nos referindo. E, inicialmente, podemos esclarecer que os termos cidade e urbano podem ser confundidos, ou tratados como simples sinônimos. Para o devido esclarecimento, entre muitos autores que tratam dessa temática, apresentamos para nosso uso aqui as definições de Santos (2013, p. 66):

[...] Na realidade, há duas coisas que estão sendo confundidas gratuita e alegremente, isto é, a cidade e o urbano. O urbano é frequentemente o abstrato, o geral e o externo. A cidade é o particular, o concreto, o interno. Não há o que confundir. Por isso, na realidade, há histórias do urbano e histórias da cidade.

Histórias do urbano e histórias da cidade, portanto, remetem ao nosso interesse em trabalhar com a cidade dos alunos, onde vivem e onde constroem suas histórias. Assim, podemos ter a história da cidade que é um olhar sobre a forma com que esta cidade apresenta a paisagem, seus eixos de desenvolvimento, o aumento no número de habitantes e prédios, sua forma de produção, seu centro e suas periferias. E estas formas concretas criadas pelos seres humanos agem sobre eles mesmos ao percorrerem seus caminhos, seus locais de moradia, seus trabalhos, seus locais de lazer. Este abstrato é o urbano dentro da cidade. Para compreendermos uma cidade, é necessário considerarmos

¹ O texto se caracteriza como um exemplo das orientações e discussões no contexto do Grupo de Pesquisa em Geografia e Ciências Sociais (EMGEOCS), liderado pela profa. Helena Copetti Callai, e se insere nas discussões realizadas no 15º Encontro Nacional de Práticas de Ensino de Geografia (ENPEG), ocorrido na cidade de Salvador/Bahia, em 2022.

os processos que são os acontecimentos nas sociedades, que estão sempre em movimento. Isso resulta em funções que se realizam através de formas que são expressões territoriais da vida que é vivida nos lugares. A cidade se apresenta nas paisagens pelas suas formas que, ao nosso olhar, indicam as histórias e nelas se pode buscar as explicações para entender por que são assim, pois

[...] as formas geográficas contêm frações do social, elas não são apenas formas, mas formas-conteúdo. Por isso estão sempre mudando de significação, na medida em que o movimento social lhes atribui a cada momento frações diferentes do todo social. Pode-se dizer que a forma em sua qualidade de forma-conteúdo, está sendo permanentemente alterada e que o conteúdo ganha nova dimensão ao encaixar-se na forma". (Santos, 1985, p. 2)

Aí estão as histórias das cidades, identificáveis pelas suas formas e possíveis de serem compreendidas pelos processos de urbanização. E essas histórias, ao serem contadas, faladas, nos permitem conhecer a realidade da vida que estamos vivendo. Os alunos podem conhecer a sua cidade descrevendo-a, analisando-a e buscando explicações.

Uma pesquisa² "Ijuí! Olhai os olhos que te olham – um estudo de percepção urbana", realizada na cidade de Ijuí/RS, já considerava essa preocupação de saber como as pessoas conhecem a cidade e se reconhecem nela. Um dos capítulos trata da história da cidade vista segundo os parâmetros acima mencionados, e um outro capítulo versa sobre a história do urbano de Ijuí. Foi pesquisado nos jornais antigos da cidade como seus habitantes a percebiam, bem como na entrevista com estudantes e presidentes das etnias³ os seus relatos atuais.

Para explicar o que é percepção urbana e a sua importância na nossa vida, usaremos uma definição de Ferrara (1999, p. 18, grifo do autor):

[...] a percepção urbana é uma prática cultural que concretiza certa compreensão da cidade e se apoia, de um lado, no uso urbano e, de outro, na imagem física da cidade, da praça, do quarteirão, da rua, entendidos como **fragmentos habituais** da cidade. Uso e hábitos, reunidos, criam a imagem perceptiva da cidade que se sobrepõe ao projeto urbano e constitui elemento de manifestação concreta do espaço. Entretanto, essa imagem, porque habitual, apresenta-se homogênea e ilegível.

² No ano de 2003, foi defendida a dissertação de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – Unijuí, intitulada "Ijuí! Olhai os olhos que te olham – um estudo de percepção urbana", de autoria de Neuza Beatriz Prestes Kohn, sob a orientação da Prof. Dra. Helena Copetti Callai.

³ Ijuí é uma cidade do Noroeste do Rio Grande do Sul que se caracteriza por, na sua formação, ter tido 13 etnias que foram ali acolhidas para povoá-la. Desde 1981, há na cidade uma festa anual no Parque Municipal de Exposições Wanderley Burmann onde, além da exposição do que é produzido na cidade, ocorrem almoços, jantares e apresentações artísticas nas casas típicas destas etnias.

Assim sendo, a percepção urbana é uma informação que nós, usuários de uma cidade, deduzimos da vivência dentro dela sem que estejam codificadas estas leis. No nosso cotidiano, agimos condicionados por estas impressões sem explicitá-las. O agente da percepção é o usuário que possui sua história de vida, dentro da história maior de um grupo, para compreender sob determinada forma o ambiente. A nossa percepção de um ambiente faz com que respondamos a ele segundo o nosso entendimento, nossas condições de vida e compreensão que temos dela. Os espaços criados trazem em si as relações que acontecem entre os sujeitos que ali vivem, com suas marcas e na complexidade do jogo de forças. Temos claro que este jogo de forças inclui e/ou exclui os sujeitos e o poder instituído, muitas vezes, não consegue atender a todos os cidadãos que têm dificuldade de se reconhecerem também com o poder que, por vezes, lhes é negado. Mas, por outras vezes, eles não conseguem força para construir este poder que é o da cidadania.

Por exemplo, no diálogo abaixo apresentado em Carlos (1999, p.21), ocorrido entre dois jovens de classe média baixa que estão dentro de um ônibus que passa na frente do Shopping Center Eldorado, em São Paulo (SP):

- Nossa! Que coisa mais bonita e chique.
- É lindo mesmo.
- É, mas aí acho que a gente não pode entrar, né?
- É, eu acho que não!

Este diálogo indica o lugar social que cada sujeito tem, seja por lhe ser atribuído pelas condições em que vive, seja por se identificar como um não direito. Por vezes, este sentimento de exclusão pode levar a uma vandalização do espaço público pelo próprio abandono em que o mesmo se encontra, outras vezes pode levar a uma expressão cultural, por meio de pinturas em paredes, em locais distantes de onde estes agentes moram, de maneira a mostrarem a sua visibilidade, ter a sua voz. Atualmente, são variadas as maneiras de mostrar essa exclusão, e os movimentos sociais trabalham no sentido de criar laços de pertencimento.

Neste sentido, é importante para compreender essa realidade termos a clareza dos conceitos, que são carregados de conteúdos que dizem da realidade da cidade. E, para conceituarmos espaço, tempo, paisagem e lugar, nos apoiamos em Santos (2021, p. 30):

[...] o espaço não é nem uma coisa, nem um sistema de coisas, senão uma realidade relacional: coisas e relações juntas... O espaço deve ser considerado como um conjunto indissociável de que participam, de um lado, certo arranjo

de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais e, de outro, a vida que os preenche e os anima, ou seja, a sociedade em movimento. O conteúdo (da sociedade) não é independente da forma (os objetos geográficos), e cada forma encerra uma fração do conteúdo. O espaço, por conseguinte, é isto: um conjunto de formas contendo cada qual frações da sociedade em movimento. As formas, pois, têm um papel na realização social.

Assim sendo, o espaço é social, isto é, produto da sociedade ao longo do tempo, e não podemos analisar o espaço hoje sem levar em conta como ele chegou a ser e o que é no tempo presente. Todo lugar tem histórias e as cidades têm as histórias de sua constituição, de cada uma em suas singularidades, e carregando a história da formação das cidades ao longo da trajetória da humanidade. Assim, cada lugar singular tem em si a história do lugar e as histórias das pessoas que ali vivem, mas sempre referidas aos contextos que passam pelo nacional e mundial. Portanto, nenhum lugar é neutro, mas sempre repleto de histórias que demarcam os tempos e espaços e que reafirmam a demarcação da vida e da cidade.

E, avançando nessa argumentação, segundo Santos (1986, p.17), “se existem espaços vazios, já não existem espaços neutros”. Assim, não existe neutralidade na ocupação do espaço, como também no seu contrário: a localização da praça, da igreja, das casas de elite, das casas mais populares, a largura das ruas, a quantidade de bens urbanos, a quantidade de jardins, de lixeiras, de escolas, o tipo de pavimentação, os espaços vazios, ociosos – tudo nos fala de uma determinada sociedade, em determinada época e de suas crenças. São fortes, então, os valores que as pessoas que ali vivem trazem consigo.

Segundo Barrios (1986), se olharmos a interação da sociedade com o espaço através de uma ótica de valor, teremos uma visão da produção econômica e como esta produção influencia os homens e como eles agem no espaço econômico; se olharmos esta interação sociedade-espaço através da ótica do poder, teremos uma visão do processo político; e, se olharmos esta interação segundo os significados que se criam, teremos uma visão do processo cultural-ideológico.

Assim, sempre que o ser humano age no espaço, ele o transforma fisicamente, não existindo nenhuma ação humana que possa prescindir do espaço. Estas ações produzirão uma paisagem que interferirá nas relações deste ser humano com o espaço, numa complexidade de contextos.

Na ação da paisagem sobre este sujeito, ela age como símbolo de alguma coisa, visto que as formas-objetos colocadas na paisagem são intencionalmente localizadas. Segundo Santos (1999, p. 267), “os objetos que constituem o espaço geográfico atual são

intencionalmente concebidos para o exercício de certas finalidades, intencionalmente fabricados e intencionalmente localizados. A ordem espacial, assim resultante, é também intencional”.

Sendo o espaço o todo em que estamos imersos, a paisagem é tudo o que nossa visão alcança. E como paisagem, ela é o retrato do lugar, em determinado tempo, que acolhe todos os elementos da construção e estruturação do espaço, sejam as formas ou os sentimentos dos que ali vivem. Segundo Santos (2021, p. 67),

[...] tudo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. É formada não apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons, etc.

Na paisagem, o tempo não é linear, ele se superpõe nas diferentes formas criadas ao longo do tempo. Cada forma contida na paisagem nos diz da sociedade que criou aquela forma, dos meios de produção utilizados, dos seus valores. A paisagem é o concreto do espaço. A sociedade sempre precisa de formas para agir, de objetos. Estas formas-objetos estão na paisagem e elas só podem ser analisadas, como influenciando no espaço, depois de estarem incluídas na paisagem. Isto nos dá que o tempo na paisagem é sempre passado e estas várias formas-objetos que vão sendo colocadas na paisagem, os vários prédios, casas, ruas, praças que ao longo do tempo vão sendo construídos na cidade, nos dão no tempo sobreposto. Devido à intencionalidade com que são localizadas, elas agem como símbolo de alguma coisa e assim são percebidas e interpretadas pelos seus usuários. Ao longo do tempo, muitas destas formas-objetos não mudam de lugar, mudam de função.

Por exemplo, uma cidade que no passado tinha no centro o ponto de referência de “morar bem” e, atualmente, deslocou este conceito para bairros residenciais distantes do centro. O centro desta cidade permanece com os mesmos prédios, porém, com funções diferentes (comércio, serviço). E talvez, possa ter sido alterada a percepção sobre o que significa morar no centro.

O conceito de lugar, também importante e significativo, diz que é um espaço percebido que tem significado para quem o percebe. Para o definir, é necessário utilizar algum conhecimento (sentimento) pregresso. Um lugar será afetivo positivamente se proporcionar inclusão e, negativamente, se significar exclusão. Uma pessoa pode ter familiaridade com uma rua, um bairro, uma praça, sua escola, sua sala de aula ou a própria casa, ou alguma peça da sua casa. Por isso, o título deste ensaio é “lugares para

formar um olhar crítico”: tanto a sala de aula, como paisagens significativas para estudantes, podem ser lugares.

Porém, como vivemos num mundo atravessado pela internet, as nossas referências não são apenas locais, são globais.

Segundo Santos (2013, p. 29),

[...] temos, sem dúvida, um tempo universal, tempo despótico, instrumento de medida hegemônico, que comanda o tempo dos outros. Este tempo despótico é responsável por temporalidades hierárquicas, conflitantes, mas convergentes. Nesse sentido todos os tempos são globais, mas não há um tempo mundial.

O espaço se globaliza, mas não é mundial como um todo, senão como metáfora. Todos os lugares são mundiais, mas não há espaço mundial. Quem se globaliza, mesmo, são as pessoas e os lugares. E nos lugares aparecem os efeitos e as regras da globalização. Para Santos (2013, p. 33) “[...] é pelo lugar que revemos o Mundo e ajustamos nossa interpretação, pois nele, o recôndito, o permanente, o real triunfam, afinal, sobre o movimento, o passageiro, o imposto de fora”.

Com o exposto, temos que existe uma ideia de globalização mundial que ocorre através de fluxos de interesses impostos por poderes do mercado, de interesses hegemônicos. Globalização esta que é perversa na medida em que visa interesses particulares de grandes corporações, e benéfica na medida em que permite que lugares mais distantes acessem benefícios de lugares mais no centro do poder – como exemplo, teríamos a medicina, o conhecimento de pesquisas.

Porém, nós habitamos no lugar onde vivemos as influências da globalização mundial e é através do conhecimento deste lugar, de sua valorização através da “história dos iguais a mim”, tanto dos iguais numa família, numa escola, em um bairro, em uma cidade, e assim sucessivamente, que podemos criar uma identidade que poderá nos fazer entender as diferenças existentes. Através deste conhecimento, podemos criar um olhar crítico que fará frente ao imposto de fora e poderá induzir a uma busca por melhores condições, pela ideia da união entre os “iguais a mim”.

Quando uma criança entra numa escola, lhe são apresentados conhecimentos sobre sua língua materna, sua história e sobre a matemática, e cabe à Geografia lhe apresentar o mundo, o lugar onde vive, incluí-la neste mundo. É também e talvez especialmente através da Geografia, aliada ao contexto das variadas disciplinas curriculares, que poderemos criar identidades e senso crítico.

Tendo em vista o que foi apresentado até agora é que podemos falar em como, através do estudo da cidade, contribuímos para criar um olhar crítico nos estudantes: temos que diferenciar o que é cidade do que é urbano e, para entendermos o urbano, usamos a nossa percepção para compreendermos a nós em relação aos outros. Temos ainda que saber o que é espaço, o que é paisagem e o que é lugar. Sabermos que estamos vivendo horizontalmente no lugar e, que neste mesmo lugar, vivemos verticalmente em contato com o espaço. A paisagem, sendo o que a vista alcança, para a definirmos e termos uma percepção dela, temos que usar todos os nossos sentidos. A nossa memória sobre esta paisagem será a soma dos sentidos que utilizamos. Nesta interação constante do eu em relação aos outros no mesmo espaço, criam-se as nossas ideias de pertencimento e identidade.

Se a nossa idade for superior a quarenta anos, talvez possamos nos lembrar de relações apenas horizontais, mas, com certeza, a grande maioria dos nossos alunos sempre viveu num Mundo atravessado por influências verticais e horizontais, possuindo pertencimentos e identidades por proximidade física ou global.

Estudar Geografia, imaginar a utopia e transformar o lugar

Até agora, falamos sobre conceitos que são importantes para entendermos o que ocorre conosco quando percorremos e vivemos nossas vidas em determinados espaços. Para que este conhecimento seja aplicado em aulas de Geografia e que um olhar crítico sobre a cidade se forme, considera-se necessário primeiro estudar a realidade, depois imaginar a utopia e, finalmente, transformar a utopia na realidade possível.

Em primeiro lugar, faz sentido considerar também difícil que esta transformação advenha do Poder Público. Será executado pelo Poder Público se mais cidadãos sentirem que estas são as suas necessidades, considerando o jogo de forças políticas e a relação do público e do privado. E quem melhor do que os jovens, que terão que viver na sua vida adulta com mais problemas ambientais do que qualquer outra geração, para trabalharem pela concretização da utopia. Desafiar os estudantes a compreenderem a realidade da vida, assentada muitas vezes em problemas socioambientais, exige que eles se conheçam e se reconheçam como sujeitos para interferir com autonomia de pensamento.

Atualmente, segundo Zygmunt Baumann (2001), vivemos o que ele denominou de “modernidade líquida”, que se caracteriza pela supremacia do Capital sobre o Estado,

pela ausência de territorialidade do poder. Porém, se os muito ricos vivem no não-espço, a grande maioria da população está sujeita às consequências desta desterritorialização do poder com a diminuição da ideia de comunidade, de interesses comuns e de classe, diminuição de proteções trabalhistas e com um Estado incapaz de gerir os problemas criados pelo Capital.

E é por isso que as aulas de Geografia, com as suas explicações sobre o mundo atual, podem ajudar os jovens a desenvolver um sentimento de pertencimento a um lugar. E que levará a um conhecimento sobre cidadania e seu desenvolvimento, que acarretará na criação de uma visão crítica e na busca por soluções que começam por um melhor lugar para que as pessoas vivam (as cidades), podendo se estender para o restante.

Sobre como estudar a cidade nas aulas de Geografia, Callai (2018, p. 115-128), nos indica uma possível sistematização: é necessário observar, descrever, interpretar analisar, compreender e representar a cidade. A partir da fase da representação, quando todos os outros passos foram seguidos, acreditamos que também poderia ser colocada uma fase de idealização que começa a ser percebida como possível a partir da compreensão, como vemos no Quadro 1, a seguir:

Quadro 1 - Quadro da educação geográfica no estudo cidade

A Cidade	O que	Como	Para que
Olhando a cidade – observação			
Observar, considerando a localização e a situação.	Tudo o que está visível, uma rua, uma praça, o bairro, a área central estabelecendo a localização e a situação.	Com um roteiro definido no grupo, tendo em vista os conhecimentos prévios e os objetivos, fazer foto, filmagem.	Respondendo aos critérios estabelecidos, fazer a observação para constatar como se concretizam no espaço visível as relações entre os homens e destes com a natureza. E verificar as possibilidades de ocultamentos.
Descrrevendo a cidade – descrição			
Descrrever	Fazer descrições que indiquem os detalhes do que pode ser visível e do que pode estar oculto e do que está invisível, mas que se pode observar como constatação.	Em textos, fazer a descrição do que foi possível perceber, desenhar esboços e fazer croquis, mapas.	Para organizar o que foi sendo constatado no lugar observado e elaborar questionamentos a respeito.

Interpretando a cidade - interpretação			
Interpretar	Buscar as informações que justificam e auxiliam no entendimento do que foi observado.	Construir explicações sobre o que foi observado e, descrito, elaborar questionamentos, enunciar prognósticos.	Produzir entendimentos possíveis, buscar explicações, fundamentar críticas, questionar e elaborar as possibilidades projetáveis.
Analisando a cidade – análise			
Analisar	Sistematizar as informações produzidas, contextualizando-as em espaços maiores, e na história, na vida das pessoas, na organização e acesso aos bens.	Por meio de conversas entre pequenos grupos que realizaram a observação, e socialização no grupo de alunos, buscando explicações junto a pessoas da cidade e familiares.	Para fazer as constatações na relação do empírico com o teórico, considerando os conhecimentos prévios, as informações produzidas e o acesso aos conceitos científicos e às interpretações que existem a respeito.
Compreendendo a cidade - compreensão			
Compreender	A cidade como um espaço de aglomeração humana que produz edificações que materializam no espaço a vida humana.	Dar sentido ao que foi observado, tendo em vista os entendimentos que podem ser produzidos.	A partir da indagação, procurando encontrar as explicações e gerando novas indagações.
Representando a cidade ou escrevendo a cidade - texto, mapa, desenhos			
Representar	O conjunto da cidade ou partes que interessaram mais.	Escrever um texto, fazer desenhos, mapas.	Ao representar o espaço estudado pode-se construir o entendimento por meio da abstração.

Fonte: Callai, 2018. Com base em Callai & Moraes, 2017.

Nos dois últimos itens presentes no Quadro 1, compreender e representar, se situam as etapas que se conectam com a idealização. Assim, a idealização ou projeção da cidade ideal seria o que cada aluno conclui que seria melhor para a sua rua, bairro, cidade e mundo, a partir dos conhecimentos adquiridos nas etapas anteriores. Isto é, para idealizar uma situação diferente da atual e levá-la a uma condição de melhoria, é necessário observar o meio em que se vive, descrevê-lo, interpretá-lo, analisá-lo, compreendê-lo e representá-lo. Adquirido este conhecimento e contrapondo-o a diferentes exemplos de cidades que possuam melhorias na vivência de seus cidadãos, poderemos idealizar e projetar melhores espaços em nossas cidades. Da mesma forma que, em etapas anteriores do quadro 1, seria um trabalho a ser realizado em grupos de uma mesma classe para futura apresentação em um grupo maior, podendo inclusive ser

inscrito numa reunião de pais para difusão da ideia. Enfim, a idealização pode ser desafiadora tanto para questionar, criticar a realidade observada e os resultados da vida vivida, assim como para buscar soluções, pensar em alternativas.

E como sugestão de reafirmar com a apresentação do significado dos seis aspectos a serem considerados, que também podem ser vistos como passos a seguir, apresentamos no Quadro 2. Neste sentido, servem neste texto para reafirmar estes procedimentos que podem ser além de didático-metodológicos, caminhos para que o aluno se reconheça como capaz de compreender o espaço em que vive e reconhecer que tem autonomia de pensamento, de modo a reforçar a sua identidade e pertencimento.

Quadro 2 - Quadro do significado estrito dos termos: a partir do Dicionário da Língua Portuguesa

Observação	Procedimento científico de investigação que consiste no exame atento de um fato, de um processo, geralmente envolvendo instrumentos óticos de mensuração.
Descrição	Ato ou efeito de descrever, fazer um relato circunstanciado, de contar em detalhes, enumeração detalhada dos caracteres de algo.
Interpretação	Determinar o significado preciso, dar certo sentido.
Análise	Exame, processo ou método com que se descreve, caracteriza e compreende algo para proporcionar uma avaliação crítica do mesmo.
Compreensão	Faculdade de entender, de perceber o significado de algo, entendimento perfeito, domínio intelectual de uma coisa ou um assunto.
Representação	Trazer à memória, significar, tornar presente uma ideia ou imagem que concebemos do mundo ou de alguma coisa, operação pela qual a mente tem presente em si mesma a imagem, a ideia ou conceito.

Fonte: Baseado em Houaiss, 2001. Callai (2018, p. 120-121).

Como referido na obra citada, a partir dessas ações, assumindo o caráter científico, com os aportes teóricos que fundamentam a análise geográfica, pode-se delinear o modo de fazer o estudo da cidade.

E, da mesma forma, a definição de idealizar e idealização é, segundo Houaiss (2010, p. 416),

Idealizar: Projetar ou projetar-se de modo ideal; imaginar alguém de maneira perfeita: idealizar um personagem, um modelo. Fantasiar; conceber de modo imaginativo; criar na imaginação. Elaborar a planta ou o plano de; planejar, conceber.
Idealização: Ação, efeito, capacidade ou resultado de idealizar; idealizar-se. [Psicologia] Procedimento mental em que o alvo ou objeto de amor é destacado

e idealizado, a partir de processos psíquicos, até que o mesmo chegue à perfeição.

Indo adiante no vídeo listado na bibliografia, executado pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU/USP) e intitulado Percepção da Paisagem Urbana, indicado na bibliografia⁴, vemos que na paisagem urbana tudo que se situa exteriormente às habitações é formado por pisos, paredes e teto, como as casas dos alunos. A escola, os prédios comerciais, etc., também o são. Assim, piso é onde percorremos espaços; paredes são as fachadas de prédios, vegetação é tudo que delimita lateralmente o espaço percorrido; teto é o céu, os fios de luz, os toldos, tudo que direciona nosso olhar para o piso.

Quando analisamos os pisos, podemos relacionar a sua diferenciação com as que ocorrem em ambientes construídos e indicam diferentes usos. A cidade também possui estas alterações e o que concluímos delas: quais pisos tem primazia, onde eles se situam, quais são melhores, etc. E assim faremos com paredes e tetos.

Nas nossas casas, existe uma prioridade para a sala de visitas, a sala de convívio: o que temos neste ambiente? Qual seria a sala de visitas de uma cidade como um todo? Geralmente, responderemos que é alguma praça. Cabe a análise de qual o estado de conservação deste lugar, quais as prioridades deste lugar.

Da mesma forma que uma casa, uma escola, etc., têm vários cômodos, a cidade terá vários bairros, onde se situam a maioria dos equipamentos urbanos (os bens para o lazer da população), onde estão as praças destes bairros, qual o seu estado de conservação.

Todos estes são vetores possíveis de serem analisados e todos indicarão, (pelo que se pode observar), o descaso do Poder Público com determinados bairros e, principalmente, denotarão que nossas cidades perderam a função de ser o local de encontro de seus habitantes, priorizando a circulação e o estacionamento de veículos.

A maior área dos pisos das cidades é ocupada por vias de tráfego, e a maior conservação e manutenção também é das ruas. As praças centrais e principais são contornadas pelo trânsito de veículos e as praças dos bairros também, além de, provavelmente, estarem deterioradas.

Enfim, as cidades da antiguidade começaram a sua história como lugares de convergência e convivência entre seus habitantes e se transformaram, atualmente, num

⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=3arj8ULxYDg> O vídeo nos mostra os diferentes elementos urbanos nos quais estamos imersos e as percepções que nos causam. Assim, através de um simples caminhar pela cidade, vemos diferentes tempos históricos, percebemos quais elementos são valorizados, e podemos conhecer uma sociedade e seus valores.

local de circulação de veículos, com seus habitantes fechados em suas casas, seus clubes, com medo desta cidade.

Da mesma forma que o vídeo define a paisagem da cidade em correlação com a nossa casa e isto nos permite a análise do Poder Público, também pode nos levar a pensar a nossa ação na cidade em correlação com as nossas ações em nossas casas: a mantemos limpa como nossas casas? Somos realmente cidadãos que pensam a cidade como nossa casa maior e o mundo como nossa morada? Enfim, abrem-se variadas possibilidades de estudo e educação.

Jan Gehl é um arquiteto dinamarquês que, desde os anos 1960, vem estudando as cidades e propondo que elas sejam Cidades para Pessoas, sendo inclusive este o nome de seu livro escrito em 2010, depois de 50 anos de análise e trabalho em cidades para transformá-las em locais mais aprazíveis para o convívio humano, para que a cidade tenha locais onde as pessoas possam parar e conversar⁵.

Neste livro, e nos trabalhos desenvolvidos por Gehl e sua equipe em várias cidades do mundo, se defende que as praças, ao seu redor, não tenham tráfego, tenham locais de convivência com mesas e cafés; que algumas ruas se transformem em ruas de pedestres, também com o uso de mesas e cafés e comércio; que as cidades possuam uma rede de ciclovias tão boa quanto a rede que foi projetada para o uso de automóveis; que as calçadas tenham o piso tão bom e cuidado como o utilizado nas vias de carros. Enfim, que a cidade seja para as pessoas.

Segundo Gehl (2015, p. 6),

Pela primeira vez na história, logo depois da virada do milênio, a maior parte da população global é urbana e não rural. As cidades cresceram rapidamente e o crescimento urbano vai continuar acelerado nos próximos anos. Tanto as cidades existentes como as novas terão que fazer mudanças cruciais em relação aos pressupostos para o planejamento e suas prioridades. Deve-se destacar, como objetivo-chave para o futuro, um maior foco sobre as necessidades das pessoas que utilizam as cidades. Este é o plano de fundo para a proeminência da dimensão humana no planejamento urbano, neste livro (a obra citada). As cidades devem pressionar os urbanistas e os arquitetos a reforçarem as áreas de pedestres como uma política urbana integrada para desenvolver cidades vivas, seguras, sustentáveis e saudáveis. Igualmente urgente é reforçar a função social do espaço da cidade como local de encontro que contribui para os objetivos da sustentabilidade social e para uma sociedade democrática e aberta.

Cabe também considerar que deve ser estudado como funciona o transporte público, como são as redes de distribuição, como estes alunos chegam aos vários pontos de interesse na cidade. E também como se dirigem de suas casas até a escola.

⁵ Gehl, Jan. **Cidade Para Pessoas**. São Paulo: Perspectiva, 2015. Neste livro, Jan Gehl apresenta várias intervenções feitas pelo seu escritório em várias cidades do mundo, comprovando a melhoria dos espaços e sua maior utilização.

Neste livro, existem vários gráficos mostrando como todos os indicadores sociais melhoraram com as alterações propostas: em termos de comércio, houve um acréscimo; em termos de saúde, tanto mental como física, houve uma melhora – menores índices de depressão e menores índices de obesidade e todas as suas consequências.

Enfim, são muitos os exemplos de alternativas para tornar as cidades mais humanas, mais para as pessoas. Do mesmo modo são inúmeras e, bem fundamentadas empiricamente as críticas para os usos das cidades que geram exclusão.

A Geografia nos proporciona conhecer a cidade e entender a realidade

Assim, chegamos ao final desta reflexão que, ao usar o termo “lugares” no seu título, se refere a locais com significação, pertencimento e identidade: a sala de aula onde os iguais se reúnem e a cidade onde os iguais habitam. Esta cidade é uma totalidade apreendida em pequenas fatias: os bairros, o quarteirão, a rua e estas pequenas fatias devem permitir o bom acesso a todas as outras fatias com o uso de bicicletas e/ou transporte público.

Com certeza, as gerações que agora estão nos bancos escolares estudando Geografia, estudando a cidade dentro da Geografia, mas também em outros componentes curriculares terão que solucionar os problemas decorrentes do atual sistema de uso do solo. O que não é tarefa fácil, com certeza, mas o conhecimento da realidade que é vivida nas cidades e os aportes teóricos que são trabalhados na escola podem criar possibilidades de construção de uma cidade que acolhe a todos. O conhecimento empírico da cidade onde os alunos vivem oferece um material importante para pensar a cidade teoricamente. E o pensamento geográfico se constitui uma ferramenta interessante por, como foi apresentado, encaminhar a observação e análise que sustentam a compreensão.

Como o novo, o pensamento transformador, muitas vezes, se espalha dos que estão em contato com professores para a geração mais velha. Pensamos que o estudo da cidade real em contraposição à cidade ideal, mostrada através de exemplos que já existem em vários países, levará a uma tomada de consciência e a uma ação coletiva de solicitação de melhores condições de habitabilidade, independentemente do tamanho da cidade.

Todos os lugares são horizontais e verticais, segundo Milton Santos. Que façamos que a horizontalidade seja aprazível para o ser humano nele viver e que entendamos a

verticalidade imposta pelos meios de produção dominantes e saibamos nos situar frente a eles, optando sempre pela nossa humanidade comum, pela justiça espacial que expressa a condição de justiça social e de respeito aos sujeitos no exercício de sua cidadania.

Nossa sociedade, atualmente situada e considerada na modernidade líquida como já explicado, é levada a acreditar que a competitividade entre nós é a única forma de nos relacionarmos com o outro – sendo que o outro pode ser outro humano ou o meio ambiente. E, temos muitos exemplos dos resultados dessa realidade no modo de vida atual.

Esta ideia de mundo nos levou a prejudicarmos o meio ambiente, desrespeitarmos a natureza, a construirmos cidades onde os carros têm a primazia, entre outros problemas. Nos levou a desafiar a natureza e desconsiderar a ciência e os alertas de que a Terra precisa ser cuidada e a natureza respeitada. Mas para tanto, é fundamental superar as desigualdades de todo o tipo e dar a todos o direito de viver com respeito e dignidade.

A ideia norteadora na proposição de estudarmos a cidade onde o aluno mora, compararmos com soluções existentes em outras cidades que começaram a criar espaços para as pessoas conviverem, é criarmos neste aluno a visão crítica que lhe possibilite entender que como comunidade de uma escola, de um bairro, de uma cidade, é possível nos unirmos, encontrarmos a nossa humanidade comum e reivindicarmos melhorias para o nosso meio.

Todos os conceitos estudados em Geografia nos permitem a construção deste olhar crítico para criarmos um cidadão real, no que diz o entendimento de cidadania e nos modos que a cidadania se constitui e é exercida no mundo atual. Confiar na educação e nas crianças é um passo importante para elas nos dizerem o que seria uma cidade boa para viver.

Referências Bibliográficas

- Barrios, S. A Produção do Espaço. In: Santos, Milton; Souza, Maria Adelaide de (org.). **A Construção do Espaço**. São Paulo: Nobel, 1986.
- Bauman, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- Callai, H. C., Oliveira, T. D., Copatti, C. **A cidade para além da forma**. Curitiba: Editora CRV, 2018.
- Carlos, A. F. A. **A Cidade**. São Paulo: Contexto, 1999.
- Ferrara, L. D. **Olhar Periférico**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.
- Gehl, J. **Cidade para Pessoas**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

Callai, H.C.; Kohn, N.B.P.

Houaiss, A. **Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

Santos, M. **Espaço e Método**. São Paulo: Nobel, 1985.

Santos, M. **Pensando o Espaço do Homem**. São Paulo: Hucitec, 1986.

Santos, M. **A natureza do espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: Hucitec, 1999.

Santos, M. **Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e Meio Técnico-científico-informacional**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

Santos, M. **Metamorfoses do Espaço Habitado: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2021.

Recebido em 25 de setembro de 2023.

Aceito para publicação em 4 de março de 2024.

